

LIVRO RESENHADO:

FORIN, JOSÉ LUIZ (ORG.) LINGUÍSTICA? QUE É ISSO?. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2013.

LINGUÍSTICA? QUE É ISSO? ORGANIZADO POR JOSÉ LUIZ FIORIN

Vicentônio Regis do Nascimento Silva
Doutorando em Letras/Estudos Literários (UEL)
vicrenos@yahoo.com.br

Daniele Trevelin Donato
Graduada em Letras (UNESP)
Professora da rede pública/SP

Organizado por José Luiz Fiorin, *Linguística? Que é isso?* apresenta conceitos e questões introdutórias da linguística, ressaltando, desde as primeiras linhas, que a língua/expressão linguística não deve ser vista apenas como jogo de erros e de acertos, mas como um elemento de estudo pelo qual compreendemos profundamente a linguagem humana, desprendendo-se de debates artificiais como o ocorrido em 2011 quando, naquela oportunidade, o ensino de português assumiu lugar nos principais noticiários em razão de capítulo de Heloísa Ramos sobre variação linguística provocar, entre leitores leigos, a equivocada visão de ensino de conceitos errados da gramática objetivando a suposta continuidade da ignorância da população.

José Luiz Fiorin inicia a obra com “A linguagem humana: do mito à ciência”, elencando características e funções da linguagem. A linguagem é atividade simbólica, reunião de palavras que criam conceitos, “ordenam realidades, categorizam o mundo” (p. 17). Sua principal finalidade: a comunicação. Comunicabilidade não se restringe a transmitir informação, mas pressupõe relacionamento ou interação, jogo em que um parceiro age sobre o outro. Entre as analisadas, destacam-se as funções informativa/referencial (a linguagem informa e modela o intelecto), conativa (influencia e é influenciada, moldando sentimentos, emoções, paixões, seduzindo, ameaçando, provocando), emotiva (expressa a subjetividade), fática (cria e mantém laços entre as pessoas), metalinguística (utilizam-se as palavras para se referir às próprias palavras).

A identidade é móvel: a pessoa vale-se da linguagem de maneira alternada, ora mostrando-se reacionária, ora progressista, ora inflexível, ora sensível. A linguagem é forma de ação e interpreta, representa novas realidades. Com o estabelecimento de desvios e irregularidades na língua, cria-se a disciplina gramatical. Ocupando-se principalmente da linguagem oral, a linguística diferencia-se da gramática: “A Linguística é uma ciência, porque ela, ao contrário da gramática, não se pretende normativa (...), mas se quer descritiva e explicativa (...)” (p.37).

O segundo capítulo – “As línguas do mundo” – continua sob a lavra de José Luiz Fiorin, inicialmente explicando que o objeto teórico da linguística é a língua e o objeto empírico é a linguagem, recorrendo à clássica divisão de Saussure sobre a língua e a fala: “Enquanto a língua é sistemática, regular e invariante, abstrata, potencial, supraindividual, coletiva, a fala é variável, concreta, real, individual” (p.50). Duas são as propriedades das línguas naturais: recursividade e dupla articulação. São essas propriedades que possibilitam as operações linguísticas básicas de seleção e combinação. Também são destacadas as unidades e as dimensões da língua. Entre as unidades encontramos paradigmas (relações *in absentia* – em ausência, séries mnemônicas virtuais) e sintagmas (relações *in praesentia* – em presença, ocorrem entre unidades presentes em um enunciado, resultando combinações na cadeia de fala). Já entre as dimensões, identificamos a diacrônica (analisa as mudanças sofridas pela língua no tempo) e a sincrônica (estuda a estrutura do sistema lingüístico em um determinado período).

O signo possui duas faces: significante e significado. O signo linguístico é arbitrário. A arbitrariedade surge na relação entre significante e significado tendo, como alguns exemplos, a metáfora (dois significados mantêm relação de semelhança) e a metonímia (dois significados sustentam relação de coexistência ou interdependência).

Esmeralda Negrão esclarece, no terceiro capítulo, “A natureza da linguagem humana”, que a investigação na perspectiva da linguística moderna inicia-se no século XX, na segunda metade do qual a Teoria Gerativa se constrói, concentrando-se na faculdade da linguagem: “A língua não é mais um objeto social, ela é um componente central da natureza humana” (p.77). Contrapõe-se a Dimensão Normativa/Gramática Prescritiva (utilização de determinados usos linguísticos) às abordagens científicas (estudo da linguagem humana e do uso linguístico de acordo com a ciência moderna). Destacar-se-iam a Língua-E, em que a linguagem é a

totalidade produzida numa comunidade homogênea, e a Língua-I, conceito que classifica a linguagem como sistema interno na relação da língua com outros componentes cognitivos. O objeto da Teoria Gerativa é a Língua-I. O aspecto criativo da linguagem humana (capacidade de produzir e compreender grande número de sentenças nunca ouvidas antes) é investigado pela Teoria Gerativa, sendo alguns de seus objetivos descrever e explicar os mecanismos da capacidade criativa, entre eles a ambiguidade, o deslocamento, a relativização, a recursividade e a gramática universal.

“Língua e variação”, a cargo de Ronald Beline Mendes, retoma os estudos de Labov, salientando que a língua não está na mente do falante, mas no uso de uma comunidade. A língua é, portanto, um sistema. O uso linguístico possui variantes, socialmente significativas, descritas e explicadas pelo linguista. Na década de 1960, Labov, em pesquisa em Nova Iorque, descobriu que a pronúncia do “r” determinava, em grande parte, a classe social do falante. Em geral, quem pronunciava o “r” integrava a classe mais alta. O domínio de tal pronúncia agregava prestígio ao falante, especialmente nas seleções de emprego. Os usos linguísticos evidenciam-se nas estratificações sociais. Em outra pesquisa, desta vez realizada pela Universidade de São Paulo na capital paulista, concluiu-se: o nível de escolaridade direciona o falante a distinguir as noções de estigma e de prestígio. Constrói-se a hipótese geral de que falantes escolarizados inclinam-se à norma padrão. Indivíduos consideram-se da mesma comunidade da fala ao compartilharem variantes linguísticas que os distinguem dos demais, comunicarem-se mais entre si do que com indivíduos de outros grupos, praticarem atitudes idênticas diante de usos linguísticos.

O penúltimo capítulo – “Mudança linguística” – surge da pena de Evani Viotti. Nele, a pesquisadora explana a organização da língua em dois eixos: a) Sincrônico/estático: analisa as relações coexistentes em um tempo específico no sistema; b) Diacrônico/evolutivo: examina as mudanças em um elemento linguístico durante um tempo específico, avaliando sua transformação de um estado a outro do sistema. A gramática gerativa divide a faculdade da linguagem em dois princípios universais: 1) Fixos/invariáveis; 2) Abertos: especificados dos dados linguísticos a que as crianças são expostas durante a aquisição da língua. Na criança, desenvolve-se a Língua-I, que permite a produção e a compreensão de expressões linguísticas. Dos parâmetros abertos a gramática gerativa explica tanto a diversidade quanto a mudança

linguísticas, privilegiando o modelo estático: “(...) a mudança é vista como uma exceção, como o resultado de uma falha” (p.145).

Para a Sociolinguística variacionista, as línguas são sistemas imperfeitos, amoldando-se aos contextos interpessoais e sociais do falante. Os estudiosos da Teoria da Variação defendem a língua como sistema heterogêneo ordenado, constituído por elementos variáveis. A mudança linguística ocorre nas variações instáveis, uma variante sobrepondo-se às demais. Sistema complexo, dinâmico e adaptativo, a língua situa-se entre o puro caos (completa desordem) e a pura robustez (ordem estática). Em busca de equilíbrio, a complexidade situa-se entre o caos e a robustez. O ponto de equilíbrio é dinâmico, mostrando-se indispensável o esforço para manter sua estabilidade resultado da soma de dose de ordem (permanência e continuidade) à dose de caos (inovação, crescimento, diversidade e imprevisibilidade). A mudança linguística acontece pelo indivíduo. Pelo sistema complexo, dinâmico e adaptativo, a mudança ou a exceção não é falha, mas característica inerente ao sistema. O sucesso da mudança linguística depende do arraigamento, da esquematização e da categorização.

A quatro mãos, José Luiz Fiorin e Norma Discini encerram nossa trajetória com “O uso linguístico: a pragmática e o discurso”, capítulo iniciado com o dado de que a dizimação dos vencidos em guerras na primeira metade do Século XX acontece não apenas pelo poder bélico mas também pelo uso da força na língua. Dois objetos teóricos são abordados em uma Teoria da Ação Linguística: 1) Pragmática: condições de uso da linguagem, a prática linguística; 2) Teorias do discurso: “(...) produto social resultante da enunciação” (p.184). Criado por Benveniste, o discurso é objeto novo para o linguista. Greimas lança as bases da Semiótica, que estuda as significações de toda e qualquer linguagem. De maneira geral, o capítulo mostra-se sucinta e, ao mesmo tempo, densíssima aula de aplicação da teoria semiótica, alertando seus autores, em síntese da finalidade a que se submeteram nesse esforço teórico coletivo:

(...) Uma leitura não tem origem na intenção do leitor de interpretar o texto de uma dada maneira, mas está inscrita no texto como virtualidade, como possibilidade. (...) várias interpretações podem ser admitidas, mas não todas. São inaceitáveis as leituras que não estiverem de acordo com os traços de significado reiterados, repetidos, recorrentes ao longo do texto. (p.197-198)

Como citar essa resenha:

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento; DONATO, Daniele Trevelin. *Linguística? Que é isso?* Organizado por José Luiz Fiorin. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015.p.485-489. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/resenhas/Palimpsesto21resenha01.pdf>>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.